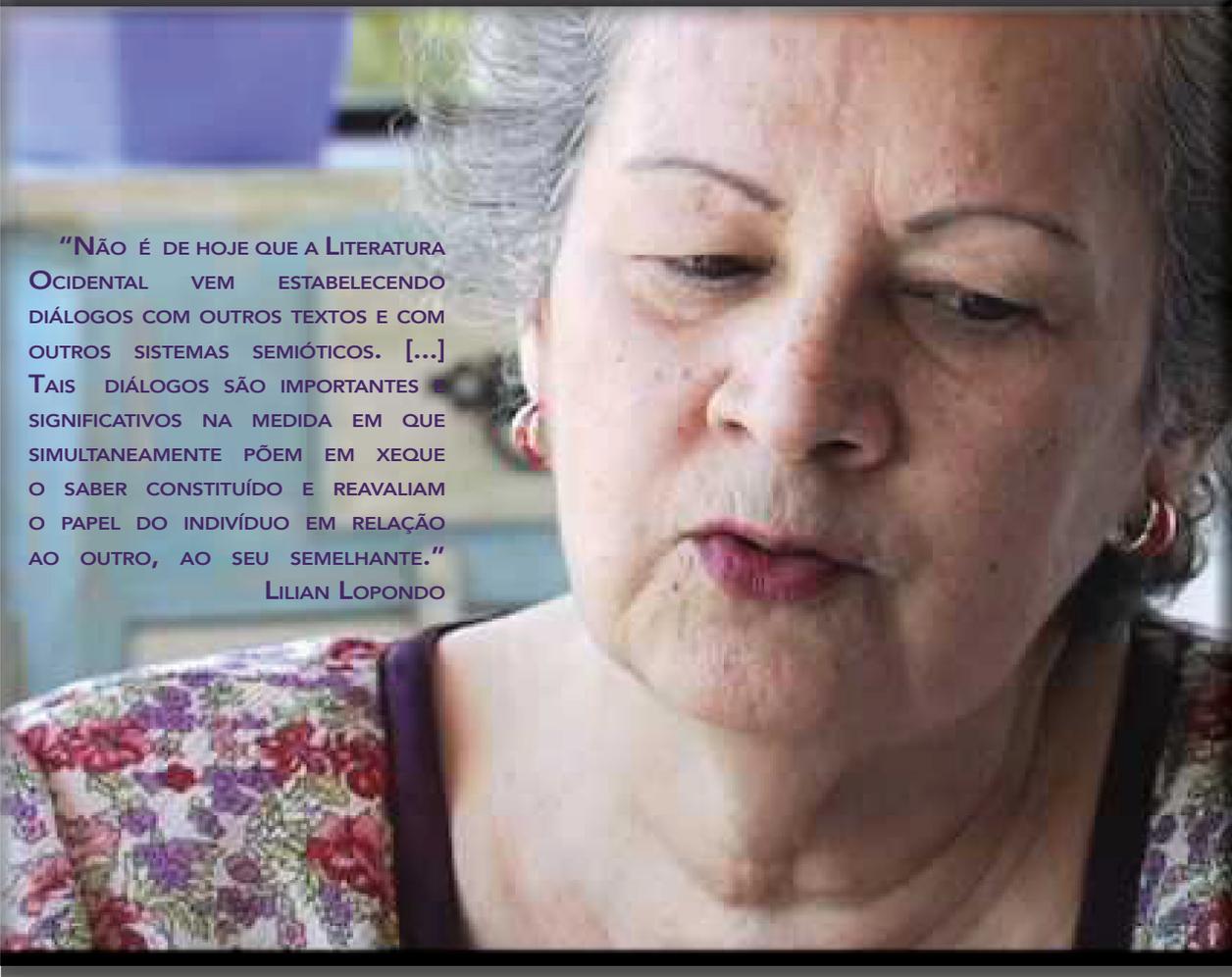


# III JORNADA DE LITERATURA PORTUGUESA

## Dialogia na Literatura Portuguesa em memória da Prof.<sup>a</sup> Lilian Lopondo

A close-up portrait of Prof.ª Lilian Lopondo, an elderly woman with short, wavy grey hair, looking downwards. She is wearing a floral patterned top with red and purple flowers. The background is slightly blurred, showing what appears to be a bookshelf.

“NÃO É DE HOJE QUE A LITERATURA OCIDENTAL VEM ESTABELECEANDO DIÁLOGOS COM OUTROS TEXTOS E COM OUTROS SISTEMAS SEMIÓTICOS. [...] TAIS DIÁLOGOS SÃO IMPORTANTES E SIGNIFICATIVOS NA MEDIDA EM QUE SIMULTANEAMENTE PÕEM EM XEQUE O SABER CONSTITUÍDO E REAVALIAM O PAPEL DO INDIVÍDUO EM RELAÇÃO AO OUTRO, AO SEU SEMELHANTE.”  
LILIAN LOPONDO

CADERNO DE RESUMOS



Universidade de São Paulo  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
Programa de Pós-Graduação de Literatura Portuguesa

III Jornada de Literatura Portuguesa Dialogia na Literatura Portuguesa  
Homenagem a Lilian Lopondo (in memoriam)  
Data: 07 de outubro de 2015

Organização:  
Prof. Hélder Garmes  
Prof.<sup>a</sup> Marcia Arruda Franco

Apoio:  
Centro de Estudos das Literaturas e Culturas de Língua Portuguesa  
Av. Prof. Luciano Gualberto, 403|sala 101  
CEP 05508-010|Cx. Postal 72042|Cidade Universitária  
Tel: (5511) 3091-3751|e-mail: celp@usp.br  
celp.fflch.usp.br | www.facebook.com/celpusp



PROAP/CAPES



USP

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



## MESA 1 POESIA CONTEMPORÂNEA

Coordenador: Prof. Jorge Fernandes da Silveira

### Ana Cristina Joaquim (USP)

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Paola Poma

Título da Comunicação: *O corpo em relação: modos de intersubjetividade poética*

Resumo: Trata-se de uma exposição centrada no estágio atual da pesquisa de doutorado em desenvolvimento, em que se pretende pensar os modos de intersubjetividade poética. Em outras palavras, trata-se de sondar as relações entre sujeitos líricos no caso da poesia de Artur do Cruzeiro Seixas, Herberto Helder e Mário Cesariny de Vasconcelos, mediante o estabelecimento do amor como eixo relacional de importância no caso dos três poetas supramencionados.

### Natasha Furlan Felizi (UFRJ)

Orientador: Prof. Jorge Fernandes da Silveira

Título da Comunicação: *Herberto Helder e Fiama Hasse Pais Brandão – Dois Leitores da Tradição Por Um Lugar em Comum*

Resumo: O trabalho compara poemas de Fiama Hasse Pais Brandão e Herberto Helder que podem ser considerados releituras do Soneto 96 de Camões. Através da comparação tentamos compreender o que os autores modernos têm em comum e no que diferem a respeito da tradição literária.

### Alessandro Barnabé Ferreira Santos (mestrado/USP)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Mônica Muniz de Souza Simas

Título da comunicação: *Jorge de Sena e o testemunho poético: lições de paisagem*

Resumo: Em 1969, Jorge de Sena publica *Peregrinatio Ad Loca Infecta*, testemunho poético de sua peregrinação por entre os espaços de exílio nos quais viveu. Estruturalmente composta de quatro partes principais: Portugal (1950-59), Brasil (1959-65), Estados Unidos (1965-69) e Notas de um regresso à Europa (1968-69), seguidas de um epílogo, a obra é intensamente marcada pela circunstancialidade do afastamento do poeta de sua Terra natal – e, na poética seniana, a circunstância, entendida como força propulsora de criação poética, adquire papel de relevo, posto que, como adverte o poeta em prefácio à sua obra peregrina, “Toda a poesia é circunstancial; e a específica circunstancialidade dela será precisamente o que contribui para a particular unidade desta *Peregrinatio* [...]”. É então nas sendas do diálogo entre a poesia e a ciência geográfica de caráter humanista-cultural que esta comunicação é pensada, tendo por objetivo investigar o testemunho poético seniano a partir da percepção que o sujeito lírico, espelhamento do sujeito empírico, tem das paisagens de exílio que permeiam sua visão. O diálogo apoia-se fundamentalmente em Dardel (2011) e Tuan (2012; 2013), nomes essenciais para se pensar o tópico da paisagem (e sua percepção) na contemporaneidade.

## MESA 2 RELEITURA DOS CLÁSSICOS

Coordenadora: Prof.<sup>a</sup> Marcia Arruda Franco

### Luiz Fernando Queiroz Melques (mestrado/USP)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Lilian Jacoto

Título da comunicação: *O eterno retorno da morte: São João da Cruz e Maria Gabriela Llansol*

Resumo: São João da Cruz é um “actor da palavra” da textualidade llansoliana. A autora em seu processo de escrita retoma diversos aspectos da vida e da obra do poeta místico espanhol. Nesta

comunicação interessa-nos refletir sobre a escrita de cenas de morte do carmelita-descalço em O Livro das Comunidades, publicado em 1977 e considerado o livro-fonte de uma obra em-sefazendo. Para isso, pensaremos a conjuntura da morte nas temporalidades do discurso ascético-místico e do discurso literário de modo a integrar estas passagens à proposta de Llansol que considera o encontro de diferentes vozes e afetos no espaço textual.

### **Ana Carolina Corrêa Guimarães Neves (mestrado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Marcia Arruda Franco

Título da Comunicação: *As heroínas clássicas na Idade Média Portuguesa: um pouco de Laudamia e Enone*

Resumo: Atitude recorrente na Idade Média era a tradução de textos clássicos escolhidos a fim de trazer a lume ideias antigas que poderiam não apenas ensinar, mas tornarem-se também atuais. A escolha da tradução de apenas cinco das vinte uma cartas de heroínas míticas aos seus amados que compunham as Heroides de Ovídio para o português de 1500 não deu-se ao acaso, mas de modo a servir de doutrinação para as damas de corte portuguesa que sofriam com a ausência dos seus amados. Serão abordadas para esse momento as personagens Laudamia e Enone e o que seus comportamentos podem ensinar a portuguesas desta corte tardo-medieval.

### **Erasto Santos Cruz (mestrado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Mônica Muniz De Sousa Simas

Título da comunicação: *A Releitura de Silva Mendes dos Clássicos Taoístas: Uma Adaptação*

Resumo: A pesquisa tem como principal objetivo analisar a obra do autor português Manuel da Silva Mendes. Dentre a sua vasta produção, foi selecionado um conjunto de poemas intitulado: Excerptos de Filosofia Taoista - Primeira Parte, publicado pela primeira vez no periódico Notícias de Macau em 1930, cujo conteúdo é considerado inteiramente baseado no livro clássico do pensamento chinês: Nan Hua Jing, do escritor Zhuangzi.

Ao trabalho concerne, sobretudo, analisar esta obra, através da comparação com o texto original em chinês clássico, e da tradução para o inglês do sinólogo escocês James Legge, a fim de mostrar que estes poemas não são apenas baseados no clássico chinês, e sim adaptações de alguns trechos do livro. Procurar-se-á também analisar os processos de que Silva Mendes se utilizou para configurar esta adaptação e o porquê de ter escolhido uma forma versificada para adaptar um texto originalmente escrito em prosa.

## **MESA 3 LETRAS E CENSURA**

**Coordenador: Prof. Hélder Garmes**

### **Ana Carlonia De Souza Ferreira (USP)**

Orientador: Prof. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida

Título da comunicação: *Como a censura inquisitorial afetou a obra de Gil Vicente*

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar o percurso da transmissão da obra do dramaturgo português Gil Vicente, traçando relações com a instauração da Inquisição em Portugal no século XVI. Durante a vida do autor, os textos de suas peças foram publicados livremente, porém esta situação se modificou em 1536, possível ano de sua morte, afetando as duas edições da Compilação de todas as obras de Gil Vicente, livro que apresenta a maior parte de sua obra. Desta forma, por meio do cotejo entre os textos das duas edições da Compilação, podem ser vistas as variantes encontradas e como se dava o processo de censura literária empreendida pelo Santo Ofício neste período. Como exemplo de tal procedimento inquisitorial, será apresentado o caso do “Auto da Barca do Inferno”.

Palavras-Chave: Gil Vicente; Inquisição; Crítica Textual.

### **Ágata Cristina de Souza Oliveira (mestrado/UFV)**

Orientador: Prof. Gerson Luiz Roani

Título da comunicação: *A formação da memória dos mártires: a mitologização de Catarina Eufémia*

Resumo: O que faz com que a morte de uma jovem camponesa do Alentejo, dentre tantas outras mortes em situação similar, torne-se um símbolo de uma luta no Portugal salazarista? O que gera a memória dos mártires? O que deve prevalecer: a memória da família ou a memória coletiva? Levando-se em conta que “o real pode ser mitologizado tanto quanto o mítico pode ganhar fortes efeitos de realidade” (HUYSSSEN, 2000, p. 16), é possível que cheguemos à verdadeira Catarina Eufémia? Utilizando-se teóricos da memória como Peter Burke, Maurice Halbwachs, Andreas Huyssen, entre outros, este trabalho visa buscar respostas para estas perguntas através de uma análise do romance *Anatomia dos Mártires*, do premiado autor contemporâneo português João Tordo. O romance, que narra a tentativa de um jornalista em encontrar a verdade sobre a vida e a morte de Catarina Eufémia, jovem camponesa assassinada por um tenente da GNR (Guarda Nacional Republicana), traz pertinentes indagações acerca da pertença da memória e da luta entre os partidos PCP (Partido Comunista Português), que tem utilizado a imagem de Catarina Eufémia como símbolo desde sua morte há mais de 60 anos, e o UDP (União Democrática Popular), que segundo registros, foi responsável pela depredação de um monumento erigido pelo PCP em homenagem à camponesa. O romance ainda questiona algumas controvérsias que permeiam a história de Catarina, como sua suposta filiação ao PCP e sua gravidez no momento do assassinato, que ganhou um estatuto de legitimidade tão grande que, ao ser negada (apenas há cerca de 10 anos), causou um grande mal estar entre as comunidades que compartilhavam esta memória. Além do romance de João Tordo e dos teóricos citados, este trabalho utiliza, como corpus, reportagens jornalísticas sobre a morte de Catarina Eufémia de distintas épocas que comprovam, através das mudanças discursivas, a formação da memória de um mártir.

### **Flávio Garcia Vichinsky (doutorado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Marcia Arruda Franco

Título da comunicação: *Os lusíadas para os “lusitos”: o destino do épico camoniano na escola portuguesa sob a interferência do Estado Novo*

Resumo: Esta pesquisa pretende mostrar que durante o regime de Salazar em Portugal operou-se uma dinâmica de inculcação de valores e ideologias extremamente nacionalistas, determinada pelo processo de cerceamento do pensamento. E isso se mostrou de forma especial no ensino literário, chegando a atingir *Os Lusíadas*, “monumento épico” da cultura portuguesa, cuja recepção vigiada e orientada pode ser percebida através do que constava nos programas destinados ao ensino secundário.

Para que se compreenda melhor as motivações do controle exagerado sobre a recepção do poema, tentaremos esboçar as principais concepções pedagógicas do regime estado-novista, delatadas implícita ou explicitamente através do discurso oficial de Salazar, da legislação a respeito das reformas do ensino secundário e dos programas escolares decretados naquele período. Além disso, será necessário destacar de que forma se deu o ensino do poema camoniano ao longo da existência do ensino liceal, sem o que não teríamos termos de comparação entre um e outro regime, entre uma e outra concepção ideológica a respeito da educação nacional. Faremos isso retomando as indicações específicas para o ensino do poema épico camoniano que constam nos decretos instituidores dos programas e nos livros destinados ao ensino escolar.

Também será explorada na prática a materialidade de ensino, iniciando pela fixação de uma edição de *Os Lusíadas* jamais publicada, mas indicada pelos programas de 1948 e 1954, o que se deu através da orientação dos trechos a serem lidos pelos alunos. Em consonância com essa pretensa edição, trataremos de investigar algumas edições escolares autênticas, a fim de estabelecer pontos de contato ou de afastamento com relação ao que se preconizava oficialmente. Com isso, pretendemos demonstrar que a política educacional estado novista foi pautada por um modelo social orientado

pelas diretrizes utilitaristas e conservadoras e que o poema épico de Camões jamais perdeu a sua centralidade dentro dos programas oficiais para o ensino secundário sendo, no entanto, um dos meios utilizados pelo regime para semear o que viria a servir como base para a edificação de uma sociedade viril, patriarcal e conservadora, como pretendia Salazar.

## **MESA 4 LENDAS & NARRATIVAS EM DIACRONIA**

Coordenador: Prof. Nefatalin Gonçalves

### **Antonio Tadeu Ayres Jr. (mestrado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Adma Fadul Muhana

Título do projeto: *As visões no Orto do Esposo: construção e interpretação.*

Resumo da comunicação: Nossa comunicação explorará, muito brevemente, alguns pormenores das visões medievais recolhidas pelo Orto do Esposo, entre as quais selecionamos para comentário aquelas em que se mostra mais nitidamente um tema bastante complexo, ao qual poderíamos chamar o aspecto judicial da figuração teológica cristã. Exemplos são a visão do vale tenebroso do mundo pelo varão chamado Furseu (livro IV, Prólogo, capítulo 1), história que já se encontra em Beda; a visão do cavaleiro moribundo (l. IV, cap. 16) que contempla seu próprio juízo e condenação; e ainda o célebre sonho de Jerônimo (l. III, cap. 11). Em todos esses exempla a cena judicial básica a que nos referimos é acrescentada e detalhada com elementos narrativos e descritivos que tornam mais claras e ornadas as noções de doutrina que se destinam a ilustrar.

### **Paulo César Ribeiro Filho (mestrado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Marcia Arruda Franco

Título da comunicação: *Considerações sobre as bruxas no folclore português*

Resumo: Stuart Hall postula que a cultura não é apenas uma soma descritiva dos costumes e culturas populares e está perpassada por práticas sociais. Baseando-se nesta máxima, a comunicação propõe uma reflexão que parte de textos curtos do repertório de contos populares portugueses para abordar o tema da acepção da mulher como bruxa e sua relação com o Diabo na tradição literária folclórica do país em questão. Uma anedota popular dá conta de uma briga primitiva entre a mulher e o Diabo: Deus ordena a São Pedro que desça à Terra para apartá-los e o santo corta a cabeça de ambos, mas na hora de recolocá-las faz uma troca, colocando a cabeça da mulher no Diabo e a cabeça do Diabo na mulher, algo que nunca mais pôde ser desfeito. Baseados nestes e em outros casos da “sabedoria popular” universal é que uma série de estudiosos da antropologia social afirmam que um dos processos de deslegitimação feminina na passagem da Idade Média para a Idade Moderna é a demonização das mulheres através da imagem da bruxa, mote literário que persiste vivo na memória coletiva como evidenciam as antologias de contos populares portugueses, que datam sobretudo dos séculos XVIII e XIX.

### **Leonardo de Atayde Pereira (doutorado/USP)**

Orientador: Prof. Paulo Motta de Oliveira

Título da comunicação: *A Dama Pé-De-Cabra e o medieval romântico*

Resumo: A Dama Pé-De-Cabra, narrativa presente na coletânea Lendas e Narrativas, de 1851, ocupa um lugar singular na produção literária de Alexandre Herculano, já que trata de um tema puramente fantástico, cuja personagem central é uma figura demoníaca sob a forma de mulher. Como estudioso da Idade Média, Alexandre Herculano foi influenciado pelas narrativas históricas de Walter Scott e Victor Hugo e por uma série de temas correntes dentro da historiografia europeia romântica oitocentista. O interesse por narrativas lendárias, identificadas com a gênese e a formação dos diversos povos da Europa, esteve presente no universo romântico europeu e essa motivação fez com que Herculano resgatasse a lenda da Dama Pé-De-Cabra dos manuscritos medievais portugueses.



## MESA 5 ESCRITORAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenador: Prof. Pedro Manoel Monteiro (UNIR)

### **Nicole Guim de Oliveira (mestrado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Marlise Vaz Bridi

Título da comunicação: *As palavras e as teias: tessituras do feminino na obra de Maria Teresa Horta*

Resumo: Não é raro associarmos o ato de tecer ao ato de escrever, principalmente quando pensamos em obras de autoria feminina. “Já é quase parte do sentido metafórico comparar o texto a um tecido, a construção do relato a uma costura, o modo de adjetivar um poema à ação de bordar.” (KAMENSZAIN, 2000, p.210). Costurar, rendar e bordar, atividades culturalmente associadas à figura da mulher, perfazem-se no silêncio do âmbito domiciliar, entre paredes que enclausuram a voz. Sendo esse silêncio uma condição imposta a todo sujeito em posição de subalternidade, escrever torna-se uma maneira de aproximar a figura feminina da expressão, da fala, do grito, rompendo com a passividade à qual está destinada dentro do sistema patriarcal. Pretendemos discutir, nessa comunicação, como, na obra de Maria Teresa Horta, a escrita é vista como espaço fundamental de empoderamento feminino e apropriação da voz.

### **Karina Uehara (mestrado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Paola Poma

Título da comunicação: *Da ausência se faz verso: os gatos de Adília Lopes*

Resumo: A proposta deste trabalho é pensar a imagem do gato na poesia de Adília Lopes. Para tanto, selecionamos, de Dobra (2014), os seguintes poemas: “A minha gata morreu”, “Mea culpa” e “O Rapsão gato”. Em um, constrói-se um sujeito que precisa do outro, no caso, um gato, para existir. Noutro, há a confissão de um ato cruel e irremediável praticado contra felinos. E, por último, a tentativa de proteger um gato do riso cruel. Fundamentando-se nos estudos de Rosa Maria Martelo, pretendemos mostrar como e para que a crueldade, o sofrimento e a humilhação aparecem, nesses textos poéticos, atrelados à imagem do gato. Além disso, a análise possibilitará perceber que, para além da persona criada: a solteirona que vive somente com gatos, Adília Lopes propõe em sua poética um pensar junto com os animais não-humanos, propõe um olhar não mais hierarquizado. A desierarquização, somada ao afeto e à compaixão pelos bichos, revela a posição ética que a poetisa estabelece com os animais em geral. Ela não exclui o diferente, mas o reconhece. Aqui, os gatos são dignos de respeito e têm um espaço muito singular, além de haver uma revalorização do animal não-humano e da relação entre estética e ética.

### **Pedro Manoel Monteiro (UNIR)**

Título da comunicação: *Revisão do percurso histórico da literatura feminina africana de língua portuguesa de 1935 a 2013*

Resumo: No dia 25 de abril de 1974, explode o golpe militar contra o governo ditatorial. A senha para essa eclosão, a emissão por rádio de uma música proibida pela censura, era o fim da ditadura, a população saiu às ruas para comemorar. A história registra esse apoio popular com a distribuição de cravo - aos soldados rebelados, batizando o levante. A Revolução não foi importante só para a redemocratização de Portugal, sabidamente, põe fim ao sofrimento causado pela guerra colonial e o terror instaurado pela PIDE. Hoje percebemos o mundo sem maniqueísmos, compreendemos o surgimento das novas nações africanas alcançando a autodeterminação Santilli (1985). Contudo, acompanhamos o surgimento das guerras civis nas ex-colônias portuguesas, essas também legaram o seu próprio quinhão de sofrimentos pelas próximas décadas, os combates se fazem de acordo com a premissa de substituição do colonizador pregada por Fanon (2005). Após o 25 de Abril, a luta das mulheres acontece em outras trincheiras tão difíceis de serem vencidas, quanto às do velho

imperialismo, que possuía o rosto do “tuga”, a nova/velha luta agora é local. Portanto, o combate ocorre dentro das novas/velhas sociedades nacionais/locais, são cidadãs invisíveis lutando uma guerra silenciosa, conforme define Perrot (2006). “Onde estavam as mulheres no 25 de Abril? A revolução dos cravos não teve heroínas nem relatoras.” segundo esse registro Estrela (1999) que serve de norte para as nossas inquietações buscamos identificar esse percurso da literatura escrita por mulheres nos PALOP’s, partimos desse silenciamento chegando anunciado até a escrita d’A oportunidade do grito, escrito por Dina Salústio (1994) que emblematiza o instante de revolta e de tomada de voz, que implica na saída da subalternidade a que propõe Spivak (2009).

Palavras-chave: Pós-Revolução dos Cravos, Literatura feminina, Literatura dos PALOP.

## **MESA 6 VARIA**

Coordenadora: Prof.<sup>a</sup> Aurora Gedra Ruiz Alvarez

### **Ana Carolina Rhormens de Santana (mestrado/USP)**

Orientador: Prof. Caio Márcio Poketti Lui Gagliardi

Título da comunicação: *As instituições totais no romance: a trajetória do herói no ambiente repressor*

Resumo da comunicação: Esta pesquisa de Mestrado, intitulada “As Instituições Totais no Romance: a trajetória do herói no ambiente repressor”, pretende traçar uma análise comparativa das trajetórias dos protagonistas de três romances – A cidade e os Cachorros de Mario Vargas Llosa, Manhã Submersa de Vergílio Ferreira e O Ateneu de Raul Pompéia –, que apresentam como núcleo temático comum a opressão sofrida no espaço específico de um internato. O objetivo é examinar como esses ambientes se configuram como uma total institution (conceito definido pelo sociólogo Erving Goffman em Asylums), enquanto uma instituição de confinamento fundamentada em mecanismos disciplinares coercitivos que engendram, forçosamente, mortificações e degradações na carreira moral de seus internados. Buscamos explorar ainda o processo de amadurecimento desses protagonistas, que, à custa do embate com o meio e os outros, conseguem conquistar uma consciência crítica da realidade, aproximando as narrativas do signo literário do Bildungsroman (romance de formação).

### **Carla Moreira Kinzo (doutorado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Fabiana Carelli

Título da comunicação: *Joaquim Pedro de Andrade: o imponderável cineasta e suas imagens de nação*

Resumo: A pesquisa tem como objetivo analisar três filmes de Joaquim Pedro de Andrade (Guerra conjugal [1975]; Os inconfindentes [1972] e O padre e a moça [1965]) e um de seus roteiros não filmados, O imponderável Bento contra o crioulo voador [1986]. A proposta é comparar os filmes e seus respectivos textos-fonte, tendo como base um estudo da noção de Alegoria. Assim, pretendemos estudar o trabalho de um diretor que criou múltiplas alegorias de um presente problemático, em que a figura do cineasta foi (também) posta em xeque. É central, neste projeto, tentar entender que tipo de leitura dos textos-fonte as recriações promovidas pelos filmes propõem, sobretudo no que diz respeito à construção de uma ideia de país, em tempos de endurecimento na Ditadura Militar. O roteiro não filmado, que toca em alguns episódios dolorosos desse período – como o violento assassinato de Stuart Angel – servirá como importante material para a investigação desse olhar do cineasta sobre o país.

Palavras-chave: Joaquim Pedro de Andrade; Literatura e Cinema; Alegoria; Adaptação.

### **Maurício Massahiro Nishihata (doutorado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Adma Fadul Muhana

Título da comunicação: *A prosopografia na obra de Manuel de Faria e Sousa*

Resumo: Propomos o presente resumo como um primeiro desdobramento de estudos que visam à composição de um objeto de análise para redação de uma futura tese de doutorado, cujo tema central ocupa-se do chamado gênero Vida particular, previsto em ‘Fortuna de Manuel de Faria y Sousa’, obra escrita em Madrid pela própria pena do letrado português em anos finais da década de 1640, cuja primeira edição ocorre apenas em 1975. Pensamos que a nossa abordagem inicial ao texto ‘Fortuna’ (...) partirá de seus elementos formadores em termos de gênero, cujas características são oriundas de pragmáticas historiográficas e códigos do juízo epidítico. A partir disso procuraremos evidenciar as linhas dos saberes da Retórica nos escritos de Manuel de Faria e Sousa, refletindo acerca de sua classificação contemporânea como discurso de autobiografia.

## **MESA 7 FERNANDO PESSOA**

Coordenador: Prof. Francisco Maciel Silveira

### **Joana Souto Guimarães Araújo Bonomo (doutorado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Mônica Muniz de Souza Simas

Título da comunicação: *A aceleração e o choque contra o “muro” em Álvaro de Campos*

Resumo: Nosso projeto de pesquisa estabelece uma proposta dialogante de investigação do “muro”, entre outras figuras da escrita, na poesia de Fernando Pessoa, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen e Eugênio de Andrade. A apresentação focará nos resultados iniciais da análise centrada na poesia de Álvaro de Campos, em que o “muro”, para além de suas conotações espaciais, do sujeito em interação com a cidade, adquire também, de modo simultâneo, contornos alegóricos dentro da discussão entre ruptura e tradição. Para Álvaro de Campos, a “força”, a “vitalidade” e a “energia” conduzem a uma poética libertária, e a velocidade é um modo de passagem para a vivência de um real que se mostrava fugidivo. Contudo, a aceleração dos estímulos, do espaço e do discurso poético é apresentada, não raro, com ceticismo e ironia. Campos adentra o tecido moderno em formação, enumerando espaços sombrios, de passagem, onde não há comunicação nem relação humana, tal como os “não-lugares” da conhecida teorização de Marc Augé: fábricas, portos e locais de transporte de mercadorias. Outro elemento espacial de importância nesse contexto é o “muro”, que serve de contraponto irônico à afirmação da velocidade, alegorizando as fronteiras entre o passado tradicional da cidade e as novas configurações. Assim, apesar da clara adesão às novidades, Campos deixa ver a presença dos “pontos cegos”, seja do espaço concreto urbano, seja do projeto utópico da modernidade, em que o sujeito passa a não mais se reconhecer nos entornos de sua individualidade.

Palavras-Chave: aceleração, alegoria, ironia, poesia moderna, tradição.

### **Mateus Ramos Lourenço (mestrado/USP)**

Orientador: Prof. Caio Márcio Poletti Lui Gagliardi

Título da comunicação: *“A música! Que Diabo!”: melodia de ironia em Pessoa*

Resumo: A ironia na música, no modo como a concebem críticos como D. C. Muecke, repercute uma noção dessa arte como expressão direta, não intelectual: uma arte não-irônica em sua essência. Consequentemente, quanto mais se aproximasse da música, mais distante a literatura estaria da ironia, na medida em que fosse fruto menos do raciocínio do que da sensibilidade. E se a poética de Fernando Pessoa se define como uma poética movida sobretudo pelo intelecto, assim contrafeita à expressão ingênua, à poesia como arte da confissão, então as conclusões que se insinuam são: ou que sua poesia só ornamentalmente recorre à música; ou que a música, vibrando incontidas emoções, torna sua poesia menos irônica e, inesperadamente, mais sincera. Mas são, uma e outra,

reduzidas essas conclusões na medida em que poemas como Pobre velha música e Un soir a Lima participam intimamente do que se poderia chamar a poética pessoana. É preciso, pois, repor essa questão, em direção a uma compreensão mais precisa das relações que há entre música, lirismo e ironia em Pessoa.

### **Luciano de Souza (doutorado/USP)**

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Lílian Lopondo/ Prof. Francisco Maciel Silveira

Título da comunicação: *Fernando Pessoa e seus (satânicos) precursores*

Resumo: Embora o teatro quinhentista de Gil Vicente fosse repleto de entidades demoníacas, é somente nas últimas décadas do século XIX, graças às evocações literárias de Antero de Quental, Eça de Queiroz e Gomes Leal, entre outros, que Satã irá de fato ser alçado a uma posição mais proeminente nas letras lusitanas. É nesse contexto, aliás, que no ano de 1869 entra em cena Carlos Fradique Mendes, um heterônimo baudelairiano idealizado por Antero, Eça e Jaime Batalha Reis com o propósito declarado de ser o primeiro poeta satânico de Portugal. É inegável que a gênese heteronímica de Fradique Mendes traz à mente a imagem de Fernando Pessoa, autor que, ao fazer da heteronímia um predicado indissociável de sua poética, tornou-se responsável pela irrevogável inclusão daquele fenômeno na agenda das investigações literárias. No entanto, o que interessa a este trabalho, no âmbito de uma aproximação entre esses dois poetas, não são as funções que eles desempenham no tabuleiro do jogo heteronímico, mas sim o pendor satânico de seus escritos. Com efeito, a proposta deste estudo é reconhecer nos autores que urdiram o satanismo fradiquiano – assim como naqueles contemporâneos que por ele foram influenciados, como Gomes Leal e Guerra Junqueiro – os anunciadores, em Portugal, de uma expressão diabólica que vez por outra se faz notar na literatura pessoana. Afinal, se é verdade que algumas das circunstanciais manifestações do satânico em Fernando Pessoa notadamente denunciam a influência de Milton, Goethe e Chamisso, há de se reconhecer que o solo onde germinou o diabolismo pessoano foi também arado por aquela estirpe de escritores portugueses que imprimiram em suas obras uma determinante tendência satanista.

### **Daiane Walker Araujo (mestrado/USP)**

Orientador: Prof. Caio Márcio Poletti Lui Gagliardi

Título da comunicação: *Jorge de Sena e a recusa dialética ao fingimento pessoano*

Resumo: O trabalho tem por objetivo examinar as ressonâncias da poética do fingimento, de Fernando Pessoa, na poesia de Jorge de Sena. Trata-se de identificar e analisar os momentos em que a poética do testemunho seniano se manifesta, por um lado, como recusa à noção de “artifício”, relacionada ao uso das “máscaras” e à consequente estetização das emoções, bem como aqueles em que, por outro, apreende a lição pessoana da poesia (e do sujeito) como objeto de linguagem. Através do confronto entre ambas as poéticas, tencionamos articular as diversas modalidades de escrita de Jorge de Sena, procurando acompanhá-lo em seu percurso formativo enquanto leitor, crítico e poeta.

## **MESA 8 INTERLOCUÇÕES MULTICULTURAIS**

Coordenador: Prof. Hélder Garmes

Fernando Ulisses Mendonça Serafim (mestrado/USP)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Mónica Muniz de Souza Simas

Título da Comunicação: *Traduzir Macau em palavras: Luís Gonzaga Gomes e a comunicação da cultura sino-portuguesa*

Resumo: Macaense de origem e aluno de Camilo Pessanha no Liceu de Macau, Luís Gonzaga Gomes excedeu os estudos do poeta em relação à China e, sobretudo, à Macau de sua época. Muito

do que ele relata em suas obras pertenceu (ou mesmo sobreviveu) aos tempos em que Pessanha lá vivia. Com suas crônicas, buscou focar sua atenção nos aspectos que compõem o imaginário popular macaense, coisa que seu mestre tentara incipientemente fazer em seus textos sobre a China. Assim, de posse de um vasto repertório histórico e da observação atenta do cotidiano macaense, Gonzaga Gomes consegue sintetizar a argúcia do cronista e a sensibilidade do poeta ao proporcionar aos portugueses a visita a uma Macau idílica, perdida em algum lugar do passado. A cor da pele e a nacionalidade como narrativas de identidade na construção de duas famílias indo-portuguesas

### **Viviane Souza Madeira (mestrado/USP)**

Orientador: Prof. Hélder Garmes

Título da comunicação: *A cor da pele e a nacionalidade como narrativas de identidade na construção de duas famílias indo-portuguesas*

Resumo: A presente comunicação tem por objetivo problematizar como se dá a construção das identidades nos romances de temática indo-portuguesa *Skin* (2001), de Margaret Mascarenhas, e *A casa-comboio* (2010), de Raquel Ochoa por meio da caracterização das personagens. Ao considerar as teorias sobre Orientalismo, hibridismo, nacionalismo e cor da pele discutidas por Edward Said, Homi Bhabha e Frantz Fanon, é possível perceber que narradores e personagens se postam de maneiras diversas em relação à ironia colonial.

### **Suillan Miguez Gonzalez (doutorado/USP)**

Orientador: Prof. Emerson da Cruz Inácio

Título da comunicação: *A literatura portuguesa com temática timorense: Sophia de Mello Breyner Andresen, Joana Ruas, Ruy Cinatti, Pedro Rosa Mendes*

Resumo: A partir do roteiro de obras que integram as manifestações literárias de Timor, há a evidente contribuição de reconhecidos escritores portugueses, com obras em prosa e poesia, cujo engajamento ocorre pela relação de registro e valorização da cultura leste-timorense, experimentada por Sophia de Mello Breyner Andresen, na obra infanto-juvenil *O Anjo de Timor*; por Joana Ruas em *A Batalha das Lágrimas e Crônicas Timorenses*, por Ruy Cinatti em *Um Cancioneiro para Timor; Timor-Amor; Paisagens Timorenses com Vultos*; e por Pedro Rosa Mendes em *Peregrinação de Enmanuel Jhesus*. O intuito é apontar o aspecto solidário ao qual os escritores portugueses contemporâneos se integraram, ao proporem diálogo literário com a frágil literatura timorense, principalmente se se considerarmos que a maioria das obras foram publicadas no intervalo de vinte e cinco anos do forçado silenciamento do povo timorense, devido à autoritária invasão indonésia, em 1975, e inclusive sob a proibição do ensino e comunicação em língua portuguesa.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa; Literatura Timorense; Solidariedade.

### **Rute Maria Chaves Pires (doutorado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Simone Caputo Gomes

Título da Comunicação: *O múltiplo da imagem em: Me\_xendo no baú: vasculhando o U de Filinto Elísio*

Resumo: O presente trabalho faz parte do percurso trilhado pela autora como doutoranda do curso de Estudos Comparados das Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade de São Paulo-USP. Esta comunicação tem por objetivo fazer um estudo sobre a construção poética multifacetada da obra do autor cabo-verdiano Filinto Elísio, tendo como corpus de investigação, o livro de poesias *Me\_xendo no baú. Vasculhando o U* (2011), última incursão do autor (por enquanto) em busca da mais alta escala poético/visual através de uma coletânea de poemas/quadros costurados a quatro mãos, a saber, as pinturas de Luís Geraldês, que deságuam num outro diálogo, agora sonoro, no CD que o acompanha. Esse percurso trilhado por Elísio nos faculta olhares e possíveis investigações acerca da construção da sua obra bem como inseri-lo no processo de discussão desta III

JORNADA.

Palavras-chave: poesia, imagem, Filinto Elísio

# MESA 9 DIALOGIA NA LITERATURA PORTUGUESA

Coordenadora: Prof.<sup>a</sup> Aurora Gedra Ruiz Alvarez

## **Danilo Silvério (doutorado/USP)**

Orientador: Prof. Hélder Garmes

*Título da comunicação: Processo Social e Forma Literária na Segunda Metade do Século XIX em Portugal (A Regeneração)*

Resumo: A fim de investigar a relação entre processo social e forma literária n'Os Maias, de Eça de Queirós, a presente comunicação, assentada no terceiro capítulo da tese de doutorado em andamento, propõe a análise das afinidades entre a composição de classe representada no romance (sobretudo no embate entre uma aristocracia resiliente e uma burguesia ascendente, no contexto histórico da Regeneração) e o tema do incesto – tal qual ele se apresenta na estrutura formal do romance, ou seja, em contraponto às demais relações matrimoniais presentes, ou ainda sugeridas, na obra.

## **Rosana Baú Rabello (doutorado USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Rejane Vecchia da Rocha e Silva

*Título da comunicação: Entre utopia e contradições: Pedro e Paula, de Helder Macedo*

Resumo: Pedro e Paula, segundo romance de Helder Macedo, pode ser lido como uma narrativa de rupturas, continuidades e contradições metaforizadas, principalmente, a partir de sua personagem Paula. Esta tenta aprender sua liberdade escolhendo mergulhar no furacão das revoltas de Paris em 1968, na libertação sexual da mulher nos anos 1960, na vivência política engajada da Revolução dos Cravos e na escolha de um pai-padrinho-amante a quem devota grande parte de seu aprendizado rumo às utopias concretas (Ernest Bloch chama de utopia concreta o almejar uma sociedade que ainda não existe, mas que é uma possibilidade real). Contudo, ela não escolhe os elementos que constituem toda sua formação e as amarras que determinam para si relações com o pai agente do Estado português em Moçambique, com a mãe alienada que tenta protegê-la por intermédio de um PIDE e do irmão gêmeo arrivista. Nesse percurso é possível considerar uma perspectiva trágica para o romance, pois não há uma efetiva ruptura no horizonte das personagens (metáforas de relações portuguesas no Estado Novo, na Revolução dos Cravos e na guerra de libertação de Moçambique); não há propriamente revolução no sentido de uma verdadeira transformação, mas o contínuo de tensões e contradições que seguem revelando fraturas.

## **Fabrizia de Souza Carrijo (doutorado/USP)**

Orientador: Prof. Hélder Garmes

*Título da comunicação: A recepção do romance A mulata no Brasil novecentista*

Resumo: Este projeto propõe um estudo do romance A mulata (1896) de Carlos Malheiro Dias a partir da interpretação que a obra apresenta da questão racial no Brasil no final do século XIX, dentro de uma estética de cunho naturalista. A esse aspecto será conjugado o diálogo crítico-literário que o livro faz com a intelectualidade brasileira e portuguesa daquele momento, o que gerou forte polêmica à época. Também será mantida no horizonte da análise a perspectiva antirrepublicana do autor. Nossa hipótese é a de que A mulata referendou um conjunto de preconceitos sobre a identidade nacional brasileira que fizeram escola em alguns setores de nossa intelectualidade e que se perpetuaram de forma explícita ou dissimulada por todo o século XX, preconceitos que elucidam muitos aspectos da maneira como os brasileiros se conceberam enquanto nação e literariamente se representaram. O objetivo principal dessa pesquisa é investigar o porquê de o romance A mulata ter causado tamanho escândalo na época de sua publicação e, a partir desse ponto, entendermos a relação entre esse romance e a forma como os brasileiros se concebiam enquanto nação mestiça. Para isso, é necessário relacionarmos as teorias raciais que estavam em voga pela Europa no século XIX e a influência que exerceram sobre o pensamento de Carlos

Malheiro Dias, ao escrever o romance em questão. Também temos como objetivo entendermos se a real razão desse romance ter sido repugnado pela intelectualidade brasileira de então se deve à representação que o escritor fez da mulata, ou, se essa não aceitação da obra se deve a outros fatores, os quais ainda estamos investigando. Dentro dessa investigação, temos algumas hipóteses. Em uma delas, consideramos que a recusa dessa obra por parte dos brasileiros pode estar ligada ao fato de Malheiro Dias criticar severamente a proclamação da república e exaltar avidamente o sistema monárquico. Outra hipótese é a de que ele criou alguns inimigos ao criticar severamente a literatura que se produzia naquele momento. Quando publicou *A mulata*, em 1896, Carlos Malheiro foi muito perseguido e hostilizado por alguns intelectuais brasileiros. Dentre eles, Carlos Maul, que dez anos depois publicou no jornal *O Globo* (em 11 de setembro de 1957) uma nota em que acusou Malheiro Dias de esconder de sua biografia esse livro infame. Há, portanto, evidências de que a recepção negativa com relação à publicação de *A mulata* se deve também às críticas que o escritor faz ao meio literário brasileiro da época, precisamente aquele que se concentrava no Rio de Janeiro. Malheiro Dias se referiu de forma negativa à vanguarda simbolista em seu romance, mas, mesmo assim, não deixou de reconhecer o valor de Cruz e Souza, um dos principais escritores simbolistas brasileiro. Considerando esses fatores, estamos em busca de respostas que elucidem as questões acima colocadas, ou, ao menos, direcionem qual o melhor caminho para prosseguir essa investigação.

#### **Cibele Lopresti Costa (doutorado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Lilian Jacoto

Título da comunicação: *A contribuição da hermenêutica de Paul Ricoeur para a leitura de Nenhum olhar, de José Luís Peixoto*

Resumo: A fim de esclarecer os procedimentos adotados para a análise do texto literário em nossa pesquisa, apresentarei na III Jornadas de Literatura Portuguesa os princípios descritos por Paul Ricoeur em seus livros *Do texto à ação* e *A hermenêutica bíblica* que favorecem a interpretação de *Nenhum olhar*, de José Luís Peixoto. Embora a análise da narrativa ainda esteja em curso, também serão apresentados alguns aspectos do romance que já foram iluminados pela nossa leitura.

## **MESA 10 LITERATURA CONTEMPORÂNEA**

Coordenador: Prof. Nefatalin Gonçalves

#### **Beatriz Sodré Ribeiro (mestrado/UNESP Assis)**

Orientador: Prof. Marcio Roberto Pereira

Título da comunicação: *A articulação da memória em A máquina de fazer espanhóis*

Resumo: Na cultura contemporânea nota-se uma obsessão pelo passado, pensando-o segundo perspectivas do presente. Nesse sentido, tanto a história oficial como a memória coletiva seriam produto de uma máquina que articula elementos culturais, escrevendo a história a seu favor. Pensando no presente como sendo o status da memória e no romance memorialístico como um modo de revisar a história, o objetivo deste trabalho é analisar as representações da memória presentes no romance *A máquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe, sob a perspectiva de Andreas Huyssen.

Palavras-chave: memória; identidade; romance; pós-modernidade

#### **Penélope Eiko Aragaki Salles (mestrado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Aparecida de Fátima Bueno

Título da comunicação: *O grotesco em Valter Hugo Mãe*

Resumo: O presente trabalho busca, a partir da análise de “o remorso de Baltazar Serapião” do escritor português Valter Hugo Mãe, ganhador do prêmio José Saramago em 2007, embasado pelos

estudos de Wolfgang Kayser e Mikhail Bakhtin, analisar a presença do grotesco nessa obra, como um recurso estilístico importante, e refletir como esse romance dialoga com a tradição literária em língua portuguesa. O livro “o remorso de baltazar serapião” conta a história de baltazar, um homem simples, brutalizado pelas condições precárias da vida, que é casado com a bela emersinda, sua grande paixão de adolescência. A partir do momento em que emersinda começa a trabalhar na casa do senhor dom afonso, a vida conjugal deles torna-se um martírio. Cego de ciúme e certo de que sua esposa o traia com seu senhor, baltazar passa a recorrer à violência física contra ela.

Através do relato de baltazar serapião entramos em contato com um universo peculiar em que os mandos e desmandos dos senhores, os abusos e a exploração sexual pelos homens, a violência e a opressão contra as mulheres são recorrentes e ganham contornos absurdos e cruéis.

### **Sônia Maria de Araújo Cintra (doutorado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Raquel de Sousa Ribeiro

Título da comunicação: *Cesário Verde e Albano Martins: Aproximações e Distanciamentos*

Resumo: Trata-se de um projeto de pesquisa inicial sobre o tema Paisagens Poéticas na Lírica de Cesário Verde, com vistas ao Doutorado em Letras. Vinculado à linha de pesquisa “Texto, Contexto, Intertexto” está aberto a revisões, alterações e aprofundamento das questões aqui pontuadas, bem como à inclusão de outras questões a estas relacionadas, sempre que necessário for a seu desenvolvimento e à elaboração da tese. Durante o processo do doutoramento e consoante orientação da Professora Raquel de Sousa Ribeiro e da Banca Examinadora para a Qualificação ao Doutorado, composta pelas Professoras Lílian Lopondo e Aurora Gedra Ruiz Alvarez, ele foi ampliado, estendendo-se à lírica de Albano Martins, sem que se perdesse de vista o projeto de pesquisa maior “A imagem do homem e o discurso spatiotemporal na literatura portuguesa: construção e desconstrução”, em que se insere e que busca espelhar e refletir como modesta contribuição aos estudos literários.

### **Charles Borges Casemiro (doutorado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Marlise Vaz Bridi

Título da Comunicação: *Comissão de lágrimas: uma terra em trânsito*

Resumo: A Literatura Portuguesa Contemporânea – e, mais especialmente, a Prosa Portuguesa Contemporânea – tem permitido tecer, no contexto do pós-colonialismo, uma nova história de demandas identitárias lusitanas.

Nessa nova história, mobilizada por discursos literários narrativos, as formas e os conteúdos da memória portuguesa, bem como os problemas do pertencimento português têm se apresentado como conteúdos culturais e como formações e lugares discursivos indispensáveis para tal ressignificação identitária.

Nesse sentido, a Prosa Portuguesa Contemporânea tem se construído como lugar de encontro entre os diferentes discursos sociais portugueses a respeito das identidades lusas e, por sua vez, de encontro entre a história e o território lusos, de um lado, figurados como imaginário individual, subjetivo e autobiográfico, de outro lado, figurados como imaginário coletivo, objetivo e de observação histórica.

O lugar – espaço, tempo e ideologia – e os sujeitos desse discurso conformam-se como lugar e sujeitos de uma transição, marcados, sobremaneira, pelas decorrências econômicas, políticas, culturais – sociais ou psicológicas – do Colonialismo e da Descolonização, trazendo no centro de suas tensões paradoxais, tanto os legados traumáticos da formação do Império Ultramarino Português, do Salazarismo, da Guerra Colonial e da dissolução do Império Ultramarino, quanto os legados transformadores – positivos ou negativos – do 25 de Abril e da recolocação de Portugal na história do mercado simbólico e material europeu.

Tomando, nesse sentido, a Narrativa Portuguesa Contemporânea, como um discurso patenteado pela transição e, desse modo, marcado por uma tensa fratura de seus elementos de composição, pela cambiante fatura de seus conteúdos, pela oscilação entre imagens da memória e do pertencimento do colonizador europeu e imagens da memória e do pertencimento dos

colonizados africanos, americanos e orientais, pelo trânsito entre um lugar de discursos coloniais e um lugar de discursos pós-coloniais, silenciados, todos, entre os Portugais do Além-mar e os Portugais do Aquém-mar, podemos compreender, pelo viés da experiência estética, identidades ibéricas em trânsito, erigidas entre o imaginário do Próspero Colonizador e o imaginário do Caliban Colonizado, conforme a metáfora shakespeariana recuperada por Boaventura de Sousa Santos, para interpretar, justamente, as relações econômicas, políticas, sociais e ideológicas do Velho com o Novo Mundo (Boaventura Sousa Santos, p. 227) no contexto do Pós-colonialismo.

Desse modo, uma leitura da obra de António Lobo Antunes e, de modo especial, de seu romance *COMISSÃO DAS LÁGRIMAS* (2011), como uma expressão contundente dessa Narrativa Portuguesa Contemporânea, nos permite apresentá-la como uma recomposição estilhaçada da memória portuguesa, uma memória de discursos identitários adormecidos e/ou silenciados, como um questionamento profundo e dorido a respeito do pertencimento e a respeito das identidades portuguesas, “... como uma poética de restos (...) onde o resgate das contramemórias mais marginalizadas ou singulares de experiências coletivas traumáticas resiste à amnésia do mundo da técnica...” [Vecchi e Ribeiro, p. 102].

Assim sendo, *COMISSÃO DAS LÁGRIMAS* se articula como retrato fraturado de um mundo português contemporâneo também fraturado, o que se pode atestar na homologia entre sua fatura estética fragmentária e multifacetada e a fatura histórica de dissolução, de estilhaçamento e de ruínas do Império Ultramarino Português, mas, ao mesmo tempo, na homologia possível entre sua fatura estética experimental e a fatura histórica de reelaboração dos resíduos, dos restos, das ruínas que conformam – a partir de uma multiplicidade de vozes e de silêncios, de recordações e de esquecimentos – a memória suspensa entre Portugal e África, uma memória que transita entre o passado e o presente, entre o indivíduo e a coletividade, entre os ditos e os interditos da Colonização e da Descolonização, transformados, todos, nesse sentido, em uma espécie de memorial e lugar discursivo, em que o elemento estético se estabelece para ressignificar as identidades e o pertencimento lusitanos no mundo contemporâneo.

### **Evelyn Blaut Fernandes (doutora em Literatura Portuguesa/Universidade de Coimbra)**

Título da comunicação: *A rota e o roteiro: teses sobre as Índias de Gonçalo M. Tavares e Luís de Camões*

Resumo: Para ler a epopeia de Gonçalo M. Tavares como remake da viagem arquétipo que tem por modelo estruturante *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, levamos em conta a desconstrução da rota canônica da viagem do Gama. O processo de composição de *Uma viagem à Índia* (2010) demonstra similares estratégias literárias utilizadas na épica camoniana, ao reinventar e subverter referências hiper-textuais. Este procedimento reproduz as problemáticas que envolvem e ao mesmo tempo reescrevem agenciamentos parodísticos com a epopeia quincentista. No entanto, esta espécie de contra-epopeia escrita por Gonçalo M. Tavares subverte as versões épicas da viagem através do (anti-) heroísmo do seu protagonista que peregrina pelo desencantado século xxi.

Palavras-chave: epopeia, referência hiper-literária, *Os Lusíadas* no século xxi.

## **MESA 11 TEATRO & DIALOGIA**

Coordenadora: Prof.<sup>a</sup> Annie Gisele Fernandes

### **Eduardo Neves da Silva (doutorado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Flavia Maria Ferraz Sampaio Corradin

Título da comunicação: *Achegas filosóficas para o teatro barroco de António José da Silva*

Resumo: As peças tragicômicas do luso-brasileiro António José da Silva (1705-1739), também conhecido como o Judeu, carregam uma concepção teatral que pode ser vislumbrada tanto no texto dramático (intrigas), quanto na expressão cênica (efeitos visuais engendrados por maquiagem). De

Um lado, percebe-se que, no encaixo de recompensas amorosas ou materiais, as personagens se valem de dissimulações ou indústrias que proporcionam a movimentação da trama e os lances tragicômicos; de outro lado, evidencia-se o propósito de puro maravilhamento sensorial, o que era levado a efeito por mecanismos compostos de fios, engrenagens e corrediças. Partindo do estudo de texto e cena de três peças do autor, as quais contêm um intenso e recorrente apelo à artificialidade, a saber, *Os encantos de Medeia* (1735), *Guerras do Alecrim e Manjerona* (1737) e *As variedades de Proteu* (1738), defenderemos que a produção teatral de Antônio José da Silva se insere na proposta de um teatro de artifícios barroquistas no qual o engenho do dramaturgo se realiza tanto na fabricação das intrigas quanto no mecanicismo das simulações de magia. Subsidiados pelos estudos de filosofia seiscentista (nomeadamente a de pensamento de René Descartes e de Francis Bacon), as quais nos fornecerão o subsídio teórico acerca da artificialidade e da mundivisão mecanicista do Barroco, investigaremos possíveis ressonâncias estéticas e filosóficas que, certamente, contribuirão para a compreensão do construto teatral do autor.

### **Maria Lúcia de Amorim Waberski (mestrado/USP)**

Orientador: Prof. Francisco Maciel Silveira

Título da comunicação: *Intertextualidade na peça teatral de Manuel Córrego: o casamento de D. Manuel I*

Resumo: este trabalho analisa as relações intertextuais que o teatrólogo Manuel Córrego estabelece com seus paradigmas (*Crônica Esquecida d'El Rei D. João II*, de Seomara da Veiga Ferreira e *A Sala das Perguntas*, de Fernando Campos) na construção do enredo de sua peça (*O Casamento de D. Manuel I*) e nas características de seus protagonistas: D. Manuel I e Damião de Góes.

### **Lilian Casalderrey Prochaska Németh (mestrado/USP)**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Flavia Maria Ferraz Sampaio Corradin

Título da comunicação: *A intertextualidade abrindo diálogo com a História e com a Filosofia*

Resumo: O trabalho que se propõem analisa duas peças de teatro, tratadas no estudo como textos literários: *Pátria*, de Guerra Junqueiro e *D. Carlos*, de Teixeira de Pascoaes.

O objeto da análise é mostrar como uma personagem histórica pôde servir à criação de duas personagens histórico-ficcionais antagônicas entre si. As semelhanças e diferenças encontradas conduziram o trabalho à discussão da questão que vulnera a tênue linha que separa História da Ficção, buscando examinar em que medida os fatos surgem como construção que muito deve à verossimilhança e interpretação subjetiva da Ficção.

Partindo de um levantamento histórico, analisa a figura do 12º monarca da quarta dinastia, a de Bragança, e penúltimo rei de Portugal, tomando por base as peças *Pátria* e *D. Carlos*, onde D. Carlos I aparece como personagem. Mais que duas peças históricas sobre um mesmo rei, mostram o pessimismo que rondava Portugal no fim do século XIX, a crise da Primeira República portuguesa e propõe algo novo.

Os momentos históricos, nos quais as peças foram escritas compõem a primeira justificativa para a diferença entre as personagens, visto que as datas de publicação das obras: *Pátria*, 1896 e *D. Carlos*, 1925, épocas muito distintas política e socialmente, dão margem ao antagonismo das personagens literárias referentes ao mesmo rei. A condição para esta disparidade aparece intrinsecamente ligada ao ideário do Romantismo Português, apesar de as peças não se inserirem no movimento.

Victor Hugo, autor imprescindível para a formação do ideal Romântico na literatura, afirma que: “os caminhos da história e da poesia cruzam-se para ressuscitar uma realidade ou para poetizar recriando-a” (BARATA, 1991, p. 268, grifos do autor).

Em Portugal estas ideias surgem através de Almeida Garrett, que pretendia com seu Projeto de soerguimento do Teatro Nacional, o resgate de figuras históricas à luz da contemporaneidade, para que assim pudessem revelar ao público algo de transformador na realidade presente. É amparado neste olhar didático-patriótico que se analisará as peças.

Para além do diálogo com a história, as peças serão examinadas isoladamente para que se mostre como as personagens surgem e que relações entretecem nos universos idealizados pelos autores.

Na primeira peça, a pátria decadente é vítima da quarta dinastia. Encarnada no Doido, a pátria portuguesa revê suas aventuras e dissabores assombrando D. Carlos, um rei medroso e apático mais dado às festas e à caça que à governança, que se vê “obrigado” a assinar um tratado com a Inglaterra, o Ultimatum Britânico.

Personagens tipos com nomes carregados de significados pejorativos, afirmam que o rei assinará o tratado em cruz. O monarca hesita, mas afirma que o fará. Espectros dos Bragança dialogam com o D. Carlos, mostrando mais suas fraquezas que virtudes, aconselhando-o a que assine o tratado, mesmo que lhe custe a coroa – leia-se fim da monarquia.

Diante de seus antepassados o monarca pouco diz, e deixa que fale O Doido, personagem que nas últimas cenas da peça, descobre-se o espectro de Nuno Álvares Pereira, o único e verdadeiro herói português. Fica clara a intenção do autor em desmoralizar não só D. Carlos, mas toda uma dinastia, senão a monarquia.

Na peça, Nuno Álvares, envergonhado por ser responsável pelo surgimento da dinastia de Bragança, revê sua vida e a de seus descendentes à luz da segunda navegação platônica, assim percebendo as falhas de seus descendentes e o pecado que lhes deu vida.

O pecado nos mostra que Junqueiro recorreu à filosofia, sem deixar para trás a visão cristã medieval que direcionou a vida do condestável. Portanto a Pátria abre diálogo com a Filosofia e com a História de Portugal, que desde sempre trouxe a religião como uma das características mais marcantes do povo português.

Na peça D. Carlos de Teixeira de Pascoaes, o rei martirizado volta com a derrocada dos primeiros tempos republicanos. Aqui, saudosismo e sebastianismo aparecem permeados por uma lírica amorosa. O amor entre O Príncipe, D. Luís Filipe, segundo Pascoaes: “o espírito sebastianista da Raça.” (BOAVENTURA, 2010, p.152), e D. Leonor, “a donzela portuguesa que nunca perde a virgindade da alma.” (BOAVENTURA, 2010, p.152), representam o temor da Pátria pura de perder-se na República.

O pessimismo finissecular tão presente em Pátria, e a supressão da monarquia em prol da república, que ao fim não é a salvação aventada, permitem um novo olhar para a história: o resgate de um tempo que neste momento, e para este autor parece mais justo e promissor.

Pátria e D. Carlos serão aqui manifestações literárias que constituirão visões de formação de uma República, nascimento e ato falho enquanto da primeira derrocada eminente. A figura de D. Carlos histórica faz-se mister para o entendimento da distorção pretendida pelos dois autores. Suas intenções diante de situações tão diversas não poderiam formar a mesma figura, mas não desenham figuras antitéticas, posto que não são dois signos contraditórios e sim diferentes ancoragens históricas deste monarca. A figura, portanto, transita na evolução política de Portugal. (Greimas, Courtés, 2008 p.30-32)

O estudo pretende demonstrar que em ambos os casos D. Carlos é a personagem histórica que melhor se enquadra no momento histórico da elaboração (publicação) do texto dramático. Ele é o mártir que não finaliza, mas que anuncia o fim.

A pesquisa agora explora a alegoria para a construção da conclusão do trabalho.

### **Carlos Junior Gontijo Rosa (doutorado/USP)**

Orientadora; Prof.<sup>a</sup> Maria Ferraz Sampaio Corradin

Título da comunicação: *Labirintos de Creta: o diálogo com a tradição na peça de Antônio José da Silva*

Resumo: O labirinto é uma metáfora muito utilizada no teatro ibérico para simbolizar os meandros amorosos pelos quais os protagonistas se perdem. Entretanto, o labirinto também pode ser o mote cenográfico dos jogos amorosos representados. Em se tratando do enredo, vários autores dos séculos XVII e XVIII, na Península Ibérica e suas possessões de além-mar, trabalharam a temática do labirinto ao emular o mito clássico de Teseu e o Minotauro. Entre estes autores do século XVII constam os espanhóis Lope de Vega e Calderón de La Barca e a

mexicana S ror Juana In s de La Cruz. No século XVIII, o português Ant nio José da Silva, ao que parece, teve contato com os textos destes autores, seja pela inexatidude “histórica” com que trata o mito, procedente da preceptiva lopesca e calderoniana, seja pelas situa es em que apresenta suas personagens, muito próximas às da peça Amor es m s laberinto, de S ror Juana In s. Conduziremos nossa apresenta o através deste diálogo entre os textos, a fim de compreender os critérios de emula o e inventividade presentes no texto setecentista.